

## O CONTO DA AIA E REFLEXÕES SOBRE UMA DISTOPIA CONTEMPORÂNEA

### THE HANDMAID'S TALE AND REFLECTIONS ON A CONTEMPORARY DISTOPY

Anna Beatriz PORTELA (IFB)

Mateus SANTOS (IFB)

**RESUMO:** *O conto da Aia* ou *The Handmaid's Tale* é um romance distópico lançado pela autora canadense Margaret Atwood em 1985, que relata uma sociedade fundamentada na teonomia totalitária cristã. Passam-se alguns anos e as taxas de fertilidade caem em todo o mundo devido a tamanha poluição e a doenças sexualmente transmissíveis. Diante de uma imensa desordem é instaurada a República de Gilead, com o governo altamente totalitário, extremista e cristão em território estadunidense. O Estado é exclusivamente dominado por homens comandantes, de alta classe e com fortes poderes, direitos civis e liberdade, enquanto, por outro lado, as mulheres não possuem os mesmos gozos. As mulheres são divididas em três funções: Esposas, Aias e Martas. Todas as mulheres têm função, e a das aias é, exclusivamente, procriar. Tomando como base o romance de Margaret Atwood, faz-se necessária uma reflexão dessas funções impostas às mulheres em Gilead em relação às mulheres do mundo atual, problematizando as consequências para as mulheres e para a sociedade. Assim, esta análise torna-se objeto de resistência e de combate ao sexismo institucionalizado no Brasil contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Resistência. Sexismo. Totalitarismo. Violência contra a mulher.

NOLITE TE BASTARDES CARBORUNDORUM  
Margaret Atwood

#### Introdução

O presente trabalho visa apresentar ao leitor analogias em relação ao romance *O Conto da Aia*, escrito pela escritora canadense Margaret Atwood em 1985, com a realidade das mulheres brasileiras. O romance foi fonte de inspiração para a elaboração da série *The Handmaid's Tale*, na qual relata-se as mais variadas instâncias de violência que as aias e outras mulheres sofrem: a violência psicológica, física, sexual, etc. De acordo com o romance de Atwood (1985), a maioria das mulheres da República de Gilead ficou infértil devido a uma vasta radiação e às guerras que ainda estavam em andamento. Entretanto, June, uma das mulheres ainda férteis, foi forçadamente separada de sua família para ser serva de um comandante de alto escalão na República de Gilead e, caso ela, agora chamada de Offred, não obedeça as ordens dessa nova república, ela se tornaria uma das consideradas não-mulheres: as lésbicas, as viúvas, as que não podem engravidar, as adúlteras e as feministas. As não mulheres eram então forçadas a trabalhar nas colônias, onde havia alto nível de radiação, ou eram submetidas a fuzilamentos e exposições caso quebrassem as regras do regime totalitário.

A série apela também para um chamado à resistência às mulheres contemporâneas, pois como se observa no episódio intitulado *Night* (Temporada 1, episódio 10), mesmo diante de uma situação de pressão na qual as aias foram convocadas para apedrejar Ofwarren, devido a problemas mentais e por tentar matar uma criança, as mesmas se recusam a apedrejar outra aia. Além disso, vários são os episódios de resistência, principalmente marcados por Offred que, em

momento oportuno, para se livrar de Gilead, decide ficar para tentar libertar todas as aias e sua filha de um regime opressor e altamente agressivo às mulheres que ali habitam.

Um pouco distante de Gilead por não se tratar de uma narrativa de ficção, mas nem tanto quanto gostaríamos, está o Brasil atual. O país apresenta, de acordo com o relatório *VISÍVEL E INVISÍVEL: A vitimização de mulheres no Brasil* (2019) índices recordistas quanto às questões de violência contra a mulher. São 29% das mulheres que sofrem violência ou agressão, além de 40% sofrerem assédio. Esses dados são traduzidos no que diz respeito a 536 mulheres vítimas de agressões físicas a cada hora no último ano, ou seja, 4,7 milhões de mulheres. Há dados de que 19 milhões de mulheres já ouviram comentários desrespeitosos quando estavam andando na rua e, ainda, com base no *Atlas da Violência 2018* (Ipea/FBSP, 2018) estima-se que ocorrem 135 estupros a cada dia no Brasil.

As funções impostas às mulheres de Gilead podem ser, por analogia, observadas de certa forma na realidade brasileira, marcada pelo patriarcalismo, com altos índices de violências, sendo assustadora a realidade das mesmas no país. Mesmo após a Lei 11.340/2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, e “...dos esforços e da maior conscientização da sociedade, a violência se mantém estável e crônica”, como declara o relatório *VISÍVEL E INVISÍVEL: A vitimização de mulheres no Brasil* (2019, p. 25).

Tendo como elemento motivador para as reflexões acerca da realidade das mulheres brasileiras o romance e a série homônima *O conto da aia*, de Margaret Atwood, este trabalho buscar problematizar a condição das mulheres frente às diversas situações de violência vividas diariamente a fim de mostrar, com base na análise de dados estatísticos atuais, que a afirmação da filósofa Simone de Beauvoir (1949) de que a luta pelo direito das mulheres deve ser permanente, pois basta uma crise política, econômica ou religiosa para que esses direitos sejam questionados permanece extremamente atual.

### **O machismo em Gilead em confronto com a realidade brasileira**

Uma das aias do romance de Atwood chama-se Offred em Gilead, onde os nomes verdadeiros das mulheres são esquecidos para carregarem apenas a função que desempenham. Porém, sabe-se que seu nome verdadeiro é June. Uma mulher de 33 anos, serva da república de Gilead e que possui uma única função: engravidar do seu comandante. Uma das outras tantas mulheres que perdera sua filha, seu esposo, sua autonomia econômica e, de forma mais específica, a liberdade de seu corpo, pois “as escrituras religiosas eram o que comandavam seus corpos” (PERNAMBUCO, 2017, p. 14). O romance é narrado do ponto de vista de Offred, tal como é sua vida diariamente, seus medos, tédios, anseios e dores. As aias são mulheres uniformizadas, assim como as Marthas e as Esposas dos comandantes para separar as funções de cada uma. Sendo as primeiras vestidas com vestido vermelho e abas brancas cobrindo seus rostos para as impedirem de ver e de serem vistas. As segundas, de vestidos verde desbotado, parecido com os das aias, mas sem toucas, somente com um véu. As esposas apresentavam vestidos azul-celeste contendo alguns bordados em branco (ATWOOD, 1985). Quanto as Marthas, elas eram, geralmente, mulheres pretas e sua função era exclusivamente doméstica: Passar, lavar, cozinhar, etc. (ATWOOD, 1985).

Essa é uma situação bem frequente no Brasil, pois as mulheres com nível mais baixo de escolaridade apresentam pouca participação no mercado, possuem

poucas alternativas profissionais para ocupar, e acabam se submetendo a trabalhos com condições consideradas precárias, por exemplo, o trabalho doméstico (ÁLVARO, 2012). Além disso, de acordo com estudos feitos entre 1995 a 2015, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ligado ao Ministério do Planejamento, e a ONU Mulheres, demonstram que há uma predominância de mulheres como empregadas domésticas ao longo do tempo e, em sua maioria, negras (BBC, 2018). Durante o ano de 1995, o público de domésticos contava com 5,3 milhões de pessoas, sendo 4,7 milhões mulheres e 2,6 milhões negras e pardas. Em 2015 esses números aumentaram, chegando a 6,2 milhões de profissionais domésticos, nas quais 5,7 eram mulheres e dessas, 3,7 milhões negras (BBC, 2018). Esse é um dos episódios comuns entre Gilead e o Brasil, o destino de trabalhos precários, por falta de oportunidade às mulheres pretas, e o que institucionaliza o racismo e a desigualdade de gênero.

Tia Sara, tia Elizabeth e tia Lydia são as personagens que cuidavam das aias, elas possuíam agulhões elétricos de tocar gado, eram objetos de medo para as meninas, e poderia significar algo a mais caso descumprissem com as regras (ATWOOD, 1985). Essa situação, que mexe com o psicológico, pode ser traduzida como violência, de acordo com o conceito que as Organizações das Nações Unidas (ONU) estabeleceu de que:

Qualquer ato de violência baseado da diferença de gênero, que resulte em sofrimentos e danos físicos, sexuais e psicológicos da mulher; inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade, seja na vida pública ou privada. (Senado Federal *apud* Conselho Social e Econômico, Nações Unidas, 1992)

Em paralelo com o Brasil, essa violência psicológica e o sentimento de medo são refletidos em números que amedrontam as mulheres. A seguir, uma tabela com dados extraídos do Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN, 2018) que traduzem esses fatos. Nela podemos observar que a violência psicológica vem logo após a violência física no registro de ocorrências e é mais frequente entre mulheres de 20 a 59 anos.

Tabela 1 – Violência contra a mulher segundo tipo de violência e ciclo de vida, no Brasil de 2012 a 2014

<b>Ciclo de vida</b>	<b>&lt; 10 anos</b>	<b>10-19 anos</b>	<b>20-59 anos</b>	<b>&gt; 60 anos</b>	<b>Total</b>
<b>Tipo de violência</b>					
Psicológica	7.997	22.852	72.662	5.470	108.981
Física	11.863	48.083	159.690	8.611	228.547
Sexual	14.787	27.677	13.818	535	56.817

Fonte: Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN), 2018.

Além disso, várias são as outras formas de oprimir as mulheres em Gilead, como, por exemplo, calando as mesmas, proibindo-as de ler e escrever como se observa no trecho “Conto, em vez de escrever, porque não tenho nada com que escrever e, de todo modo, escrever é proibido” (ATWOOD, 1985, p.52). E também no trecho a seguir:

A Bíblia é mantida trancada, da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem. É um instrumento incendiário: quem sabe o que faríamos com ela, se puséssemos nossas mãos nela? Podemos ouvi-la lida em voz alta, por ele, mas não podemos ler (ATWOOD, 1985, p.107).

Essa situação no Brasil, conhecida como analfabetismo, embora dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrem que houve uma queda de 7,2% para 6,8% entre 2016 a 2018, e que a porcentagem de mulheres analfabetas é maior que a dos homens, 19,1% em relação a 18%, e é mais frequente entre as mulheres pretas que somavam 9,1% diferente das mulheres brancas, 3,9%. Esses dados refletem na tamanha desigualdade de gênero e raça que o Brasil apresenta. Situação essa análoga a Gilead, onde as Marthas ainda estão abaixo das Aias. Nota-se isso em um diálogo entre Serena Joy, esposa de um comandante, e Offred, a sua aia: “Não me chame de senhora, disse ela com irritação. Você não é uma Martha” (ATWOOD, 1985, p.25). Além disso, essa situação se agrava ainda mais com a presença do patriarcalismo, sustentado pelo discurso da Bíblia, que é guia para a vida em Gilead (ATWOOD, 1985), o que costuma ocorrer quando a autoridade masculina tem poder sobre um grupo ou sociedade.

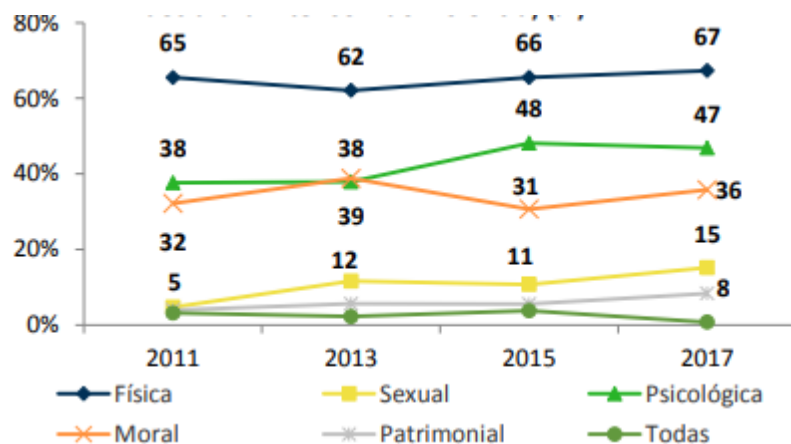
Dessa forma, observa-se no romance que as mulheres estão sempre em estado de submissão em relação aos comandantes, como ressalta a personagem Offred ao afirmar: “Mas recusar-me a vê-lo poderia ser pior. Não há nenhuma dúvida quanto a quem detém o poder de verdade” (ATWOOD, 1985, p.165). O sistema patriarcal não é apenas um sistema, ele se ramifica, ele abre possibilidades para diversos acontecimentos, e dentre eles, a violência contra a mulher das mais variadas formas, o que é demonstrado no livro *O Conto da Aia* constantemente, como vemos no trecho “Foi minha culpa, diz ela. Foi minha própria culpa. Eu os incitei, os seduzi. Mereci o sofrimento. Muito bem Janine, diz tia Lydia. Você é um exemplo” (ATWOOD, 1985, p.89). Essa é uma tentativa de pôr na cabeça da aia que ela é culpada de coisas que não fez, e que deve assumir a culpa das acusações. Cena essa altamente marcada por um episódio de violência psicológica. Além dessa, há acontecimentos de violência física, notado no trecho “Na semana passada mataram a tiros uma mulher, bem aqui. Era uma Martha. Estava remexendo sua túnica em busca do passe, e pensaram que estivesse apanhando uma bomba” (ATWOOD, 1985, p.31).

Em relação aos mais variados tipos de violências e inferioridade que as aias, Marthas, esposas e as mulheres brasileiras sofrem, existe um medo entre as mulheres de denunciar o agressor, e esse medo advém do sistema patriarcal, que após o surgimento da propriedade privada o homem torna-se detentor dos escravos, das terras e, conseqüentemente, da mulher (BEAUVOIR, 1970). Esse impasse na vida das mesmas para se libertarem do agressor, é o que vem acompanhado de uma grande fragilidade emocional da parte da vítima (OLIVEIRA, P; et al. 2013). Com base no que diz Maíra Liguori, diretora da Organização Não Governamental (ONG) Think Olga, após uma mulher denunciar episódios de assédio a vítima sofre violência em dobro pois “...Vão questionar suas vestimentas, sua conduta, o horário em que ela estava na rua, vão minimizar seu relato, questionar sua palavra...” (G1GLOBO, 2018). É exatamente esse episódio que encontramos no romance, quando as tias não consideram as Não-Mulheres por conta de suas vestimentas,

conduta, etc. Elas julgam as mulheres que usam shorts, saias, etc como algo errado. Offred sente saudade dessas roupas, de sua liberdade que agora é julgada como cruel e que não existe (ATWOOD,1985). No Brasil, fato semelhante também ocorre e isso deve-se ao fato do sexismo ser enraizado, e também institucionalizado, ou seja, desde o início da história do Brasil as mulheres são submetidas ao silenciamento, e a se conformar com situações que podem resultar em um futuro feminicídio, sendo constantemente julgadas por suas vestimentas e seu modo de agir, como se isso justificasse qualquer forma de violência ou discriminação.

Todos os acontecimentos de violência contra a mulher em Gilead são fictícios, a priori, pois o livro relata histórias de uma sociedade distópica, que tem como característica a extrema opressão, a fim de criticar um regime ditatorial. Entretanto, o Brasil não está muito longe dessa sociedade “utópica”. As facetas doentias do machismo estão explícitas nos índices das mais variadas formas de violência contra a mulher registradas (e muitas vezes não registradas) no Brasil. Com base no Relógio da Violência do Instituto Maria da Penha (IMP), no Brasil, a cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de agressão física, e a cada 2 minutos uma mulher é vítima de arma de fogo. Abaixo, na figura 1, apresentamos outro gráfico, elaborado pela Secretaria de Pesquisa e Opinião através do Senado em 2017, que demonstra o tipo de violência que as mulheres mais sofrem em nosso país.

Figura 1 – Qual foi o tipo de Violência?



Fonte: DataSenado, 2017

Percebe-se que o tipo de violência mais mencionado foi a violência física: 67% das entrevistadas afirmaram já terem sofrido esse tipo de agressão. Depois da violência física, está a violência psicológica com 47% como a segunda brutalidade mais frequente entre as mesmas. Esses dados são alarmantes e demonstram a complexidade e gravidade do problema que tem como raiz a discriminação de gênero. Dessa forma, tivemos 536 mulheres sendo agredidas fisicamente a cada



hora no último ano, ou seja, foram 4,7 milhões de mulheres, e desse público, a maioria, 42,6%, são jovens de 16 a 24 anos, além do fato da vitimização ser maior entre as mulheres negras (28,4%). Já em relação às brancas, os índices são de 24,7% e às pardas, 27,5% (Fórum de segurança pública, 2018, p. 25-28). Ainda de acordo com a pesquisa citada anteriormente, “74,6% das mulheres que sofreram violência afirmam que o agressor era alguém conhecido” sendo 23,8% cônjuge/companheiro/namorado. Dessa forma, o marido é o principal agressor pois “Entre as mulheres que declararam ter sofrido violência doméstica provocada por um homem, a maioria teve como agressor pessoa sem laços consanguíneos e escolhida por elas para conviver intimamente” (Pesquisa DataSenado, 2017. p.11).

No seriado *The Handmaid's Tale*, inspirado no romance, o episódio 13 da segunda temporada, intitulado *The Word*, mostra que quem sofre violência física do marido é Serena Joy. Após tentar conscientizar as demais esposas dos comandantes sobre a importância de seus filhos lerem para serem capazes de entender a bíblia, Serena tem seu dedo mindinho mutilado a mando de seu marido, pois em Gilead ler é proibido às mulheres.

No Brasil, foi realizada uma investigação com amostra nacional de 2.502 mulheres com 15 anos ou mais e, nessa consulta, constatou-se que 1.075 mulheres já sofreram violência praticada por homem durante a vida, esses os quais são ex-maridos, maridos, namorados e ex-namorados, e em 100% desses homens, 79% já forçaram uma relação sexual, e isso se reflete no fato de que 325 mulheres já sofreram com a violência sexual (SCHRAIBER, L; et al. 2007). De forma análoga a Gilead, percebe-se que no Brasil a violência, opressão e submissão impostas às mulheres são reveladas em números agravantes todos os dias e que, em muitos casos, isso provoca a morte das mesmas.

## O domínio sobre o corpo feminino e a reprodução forçada

As mulheres são conhecidas em Gilead por meio de suas roupas, como citado anteriormente. As aias trajam-se de vermelho e possuem o rosto coberto por toucas que as impossibilitam de enxergar o que acontece ao seu redor e, também, de serem vistas, de modo que deixa explícito qual a importância do seu corpo para a sociedade (ATWOOD, 1985). As aias trajam-se dessa forma por um único motivo, a procriação. Georges Boris e Mirella Cesidio (2007), salientam que, na contemporaneidade, o sistema capitalista brasileiro se apropria do corpo da mulher por meio da objetificação sexual que está presente nos mais diversos setores da sociedade. Como exemplo disso, temos as peças publicitárias, como as campanhas de cervejas, nas quais as mulheres são estereótipos sexuais com um simples objetivo: o interesse econômico e o ganho do público para consumir o produto. Podemos compreender que no romance até as vestimentas baseavam-se na dominação:

Os vestidos de verão estão fora da mala e pendurados no armário, dois deles, de puro algodão [...] mesmo assim quando está quente e úmido, em julho e agosto, você sua dentro deles. Contudo não precisa se preocupar com queimaduras de sol, dizia Tia Lydia. A maneira deplorável e exibida com que as mulheres costumavam se comportar (ATWOOD, 1985, p. 69).

É evidente que a submissão e a objetificação do sexo feminino está ocasionando a desigualdade entre gêneros, seja no meio social ou na publicidade, a qual impõe o valor da mulher através do seu corpo. Para Lourenço, Artemenko e Bragaglia (2014, p.13) “o principal combustível dessa estereotipização é não enxergar que o corpo e os seres femininos são dignos de respeito, assim como o homem”. Desse modo, é preciso romper com a justificativa machista de que a culpa pela violência sexual é por provocação da mulher, portanto, independentemente da roupa que a mulher usa, é injustificável tal ato, visto que vivemos em um país com “liberdade individual” de acordo com a Constituição Federal de 1988.

Além disso, o jornal *Exame* (2016) publicou uma notícia a respeito da erotização de gênero dentro das propagandas publicitárias e, como exemplo, foi mencionado o anúncio da Dolce & Gabbana (2007), que retrata uma mulher totalmente sensualizada e submissa ao homem que a segura forçadamente. Essa imagem foi duramente criticada, por trazer poder ao homem sobre a mulher, o que ocasionou a retirada do anúncio das plataformas digitais.

De acordo com Maria de Fátima Severiano (2001), temos dois pontos de estudos sobre a mulher e suas vestimentas: na produção publicitária, com motivações claramente mercadológicas; e o lado do consumidor, no qual se observa motivações que se vinculam à ordem do desejo insaciável. Nesse contexto, percebe-se que o corpo da mulher é identificado como objeto de interesse econômico.

Segundo o enredo contado pela protagonista Offred sobre seu corpo, ela expõe um sentimento de rejeição sobre sua própria nudez, que já lhe é estranha, pelo fato dela não se achar pertencente ao seu corpo:

Minha nudez já é estranha para mim. Meu corpo parece fora de época. Será que realmente usei trajes de banho, na praia. Usei, sem pensar, entre homens, sem me importar que as minhas pernas [...] e as costas estivessem à mostra, pudessem ser vistas. Vergonhoso, impulsivo (ATWOOD, 1985, p. 78).

É notório que, na contemporaneidade, a ideologia da mídia adotou um corpo sensual e provocante à mulher, que caracteriza a mulher perfeita como: esbelta, elegante, branca, bem-sucedida profissionalmente e financeiramente, subjetivando a diversidade cultural sobre o corpo feminino. Apesar dessa pressão vinda das mídias, as mulheres brasileiras possuem liberdade para usarem o que querem, embora sejam bastante julgadas a depender do estilo da roupa. Fato esse que se diferencia das mulheres em Gilead, onde até as roupas são impostas às mesmas como citado anteriormente. Nesse sentido, podemos salientar que houve um ideal para o corpo feminino, ocasionando em muitas mulheres a não aceitação do seu corpo por querer se enquadrar nos padrões impostos pela sociedade (BORIS; CESÍDIO, 2007).

A narradora nos mostra vários parâmetros sobre a reprodução forçada, entre as quais encontra-se a opressão sofrida pelas aias no momento em que elas conseguem engravidar e também no momento do parto, no qual torna-se bastante evidente a opressão das Senhoras e o sentimento de que o corpo dessas mulheres são sua propriedade, objetificando-os como peças de reprodução:

Duas outras conduzem Janine ao Banco de Dar à Luz, onde ela senta no mais baixo dos dois assentos. [...] A Esposa do Comandante entra apressada, com sua ridícula camisola branca, as pernas magrelas saindo de baixo dela. [...] Ela sobe rápido no Banco

de Dar à Luz, senta-se no assento atrás e acima de Janine, de modo que Janine fica emoldurada por ela: as pernas magras descem pelos dois lados, como os braços de uma cadeira excêntrica (ATWOOD, 1985, p. 152-153).

Segundo Ana Maria Zukoski e André Tardivo (2007), pode-se depreender que a narradora foi tão bem condicionada pela nova doutrina de seu país que passa a acreditar realmente que a culpa pelo estupro de mulheres é única e exclusivamente das mesmas que se vestem de forma indecente, despertando no homem o instinto sexual, ratificando afirmações do tipo “Eu os incitei, os seduzi. Mereci o sofrimento” (ATWOOD, 1985, p. 89), que são totalmente descabidas. Assim, a nova forma de pensar da sociedade de Gilead reafirma o ideário de que Deus criou o homem com apetite sexual intenso e a mulher apenas para saciá-lo, ficando excluída de qualquer forma de prazer sexual.

Isso também é ensinado às mulheres no Centro Vermelho no romance, quando as mesmas estão sendo qualificadas para a função de aias:

Homens são máquinas movidas a sexo, dizia Tia Lydia, e não muito mais. Eles querem apenas uma coisa. Vocês têm que aprender a manipulá-los, para o bem de si mesmas. Levá-los pelo nariz para onde quiserem; isso é uma metáfora. É a maneira como funciona a natureza. É o plano de Deus. É a maneira como são as coisas (ATWOOD, 1985, p. 174).

Fazendo essa analogia entre as aias de Gilead e entre as mulheres da contemporaneidade sobre a cultura do estupro, é possível traçar algumas semelhanças. Segundo uma pesquisa do Datafolha (2016), encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, observa-se que 37% da população acredita que “mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”. Outro dado mostra ainda que 30% acreditam que “a mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada”. O resultado da pesquisa só comprova o que nós vivemos todos os dias: a culpabilização e uma cultura do estupro que se perpetua por meio dos discursos da mídia e das artes em um país onde a cada 11 minutos uma mulher é violentada sexualmente.

Nessa perspectiva, as Aias seriam escravas sexuais responsáveis pela reprodução. Pode-se afirmar que, nesse contexto, as mulheres foram reduzidas ao uso do seu útero, como é mencionado pela narradora da história: “Somos utéros de duas pernas, apenas isso [...]” (ATWOOD, 1985, p.165). Dessa maneira, elas não possuem liberdade e autonomia, sendo estigmatizadas como objeto de procriação e donas de casa, no caso das Marthas.

Pierre Bourdieu (2012) descreve o ato sexual como uma relação de dominação, e relata que as práticas e as representações durante a relação sexual não são simétricas, ou seja, não há um equilíbrio entre os envolvidos:

À diferença das mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades (BOUEDIEU, 2012, p.30).



Os homens, em contrapartida, tendem a compartilhar a sexualidade como um ato agressivo, o que gera o desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo das mulheres como subordinação erotizada, como reconhecimento de dominação, ou seja, a relação sexual se caracteriza como masculino-ativo e feminino-passivo no conceito de dominação de Bourdieu.

Na república de Gilead, o ato sexual com o objetivo de procriação é estabelecido como um ato lícito e aceitável e todo o ambiente é preparado para a realização do ato como um ritual, descrito no trecho a seguir:

Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo [...] **Tampouco estupro descreve o ato** (ATWOOD, 1985, p.115, grifo nosso).

Essa situação vivenciada por Offred, uma aia, retrata o que acontece com muitas mulheres na atualidade, vítimas de estupros. De forma semelhante a esse acontecimento do romance, está a situação das mulheres com seus cônjuges em muitos casos de estupro marital. Nas sociedades patriarcais, é pensamento corrente no senso comum que a relação sexual marital não é considerada estupro, uma vez que as mulheres são sempre ensinadas a atender as necessidades e desejos dos homens, compreendendo muitas vezes, que o casamento presume sacrifício para a sua manutenção. Por conta disso, muitas mulheres submetem-se, ainda hoje, a inúmeras violências em suas relações conjugais, sem conseguir nomear e reconhecer determinadas condutas como uma violência ou um estupro, por exemplo. O sentimento da personagem Offred no romance é algo além do que se pode rotular como estupro, é uma violência superior que nem ela mesma sabe explicar, da mesma forma como ocorre com as mulheres violentadas pelos seus companheiros, que dizem amar sua companheira, mas ao mesmo tempo a submete a uma relação não consentida (SOBRAL, 2008).

De acordo com uma pesquisa realizada pelo jornal O GLOBO (2018) sobre o anuário de segurança pública revela que o Brasil nunca teve tantos casos de estupro quanto em 2018, com recorde de 66.041 registros — um aumento de 5% em relação ao ano anterior. Por dia, 180 pessoas foram violentadas no país em 2018. 81,8% das vítimas são do sexo feminino. Em relação à raça, 50,9% são negras, 48,5% brancas e 0,6% amarelas. No caso do estupro de vulneráveis, o ápice da violência sexual ocorre aos 13 anos entre meninas. O levantamento mostra ainda que 75,9% dos agressores são conhecidos das vítimas. Do total de estupros reportados, 93,2% tiveram autoria única e 6,8% foram cometidos por mais de um abusador. Os homens são maioria (96,3%) entre os autores.

O romance *O Conto da Aia*, apresenta também as não-mulheres, que são as inférteis, as lésbicas, as feministas, as que não acreditam em Deus. Na atualidade brasileira, podemos relacioná-las com as feministas, por se tratarem de mulheres que lutam contra o sistema patriarcal e que constantemente vem sendo vítimas dos mais variados ataques. Diante de uma notícia publicada no site da BBC (2018), a respeito das manifestações históricas lideradas por mulheres contra o candidato a presidência Jair Bolsonaro, a manifestação do “#EleNão”, ocorrida em São Paulo, foi um dos maiores eventos históricos do Brasil, pois recrutou mais de 100 mil mulheres com um único objetivo: lutar contra o sistema político proposto pelo então candidato. Uma das manifestantes, Céli Regina Jardim Pinto, afirma em seu discurso que houve uma popularização da luta feminista, pois está sendo espalhada as

manifestações, as causas do protesto (BBC, 2018). O grande engajamento das mulheres levou o movimento a outra dimensão, transformando-se numa mobilização contra o sexismo, o racismo e a homofobia. Vivemos em uma sociedade machista que precisa se reeducar e entender que a luta feminista precisa existir para extinguir a desigualdade entre os gêneros, assim como respeitar os corpos das mulheres como sendo de propriedade delas, e exclusivamente delas.

### Considerações finais

O romance *O conto da aia* (ATWOOD, 1985) pode ser utilizado para fazermos algumas comparações com as mulheres brasileiras, principalmente relacionando as violências vivenciadas pelas mesmas, o estupro, a dominação masculina, a opressão e o domínio do corpo feminino por algumas instituições sociais, além de trazer reflexões sobre família, religião e Estado. A representação das mulheres em *The Handmaid's Tale* nos mostra os reflexos do patriarcado na sociedade brasileira.

Por meio dessa breve análise de algumas das muitas formas de dominação vivenciadas pelas mulheres no romance de Margaret Atwood, que refletem a sociedade contemporânea, em específico, as condições de violência enfrentadas pelas mulheres atualmente no Brasil, podemos concluir que a sociedade distópica representada no romance, não é tão distópica assim, visto que as mulheres brasileiras tem vivenciado formas de violência, discriminação e dominação sobre seus corpos, como demonstram os números e índices de violências citadas no decorrer do artigo que, de forma alarmante, demonstram que realidade e ficção dialogam e nos servem de alerta.

A partir desse pressuposto, pode-se considerar que a visão do romance reflete os dias atuais ao demonstrar como o olhar sobre a mulher é reduzido ao seu corpo, à sua roupa, à sua conduta com o marido, à sua postura em relação a maternidade, etc. Fato esse que desconsidera a mulher como um ser pensante, que tem suas próprias vontades, anseios e formas de agir diferentes umas das outras. O padrão de mulher bela, recatada e do lar tem sido uma regra, assim como em Gilead, porém, não é algo tão explícito e formalizado. Em meio a tantos avanços em leis e liberdades conquistadas pelas mulheres, é uma constante a conduta de julgar que, caso o sexo feminino se distancie desse padrão ele será altamente criticado, ou até mesmo tratado como um “homem”, legitimando violências à mulher da forma mais agressiva. Essa é uma situação do mundo real que se assemelha com o episódio do comandante reprimindo sua esposa pedindo para mutilarem o dedo da mesma pelo fato dela se distanciar da regra, por lhe desobedecer. Esse episódio é espelho de uma sociedade que rotula mulheres a cada instante, em cada momento de suas vidas, em cada ação, ao contrário de as verem como seres com características próprias, e cérebro.

Além disso, o romance destaca a questão das vestimentas das aias, um ponto não tão distante do nosso país, que por vezes legitima um estupro por conta da roupa da vítima, da mulher. E isso é percebido em diversos comentários das redes sociais, nas quais muitas são abertas e repassadas, ou seja, o discurso de que a roupa da mulher é chamativa, provocante ao homem se espalha rapidamente. É esse discurso, entre outros, que continua matando as mulheres. É esse pensamento tão atual que vai levando as mesmas a números exorbitantes de mortes todos os dias no Brasil.

O recorte feito na série, embora não tenha sido destaque no livro em si, em destacar o papel das Marthas, que em sua maioria são pretas, como domésticas,

realizando um trabalho considerado precário, também foi um fator muito importante de semelhança com a realidade brasileira. O Brasil, com sua cultura além de machista, racista, objetifica o corpo da mulher preta, e a transforma em um instrumento meramente sexual. O pensamento de que é a mulher preta que possui um corpão, uma bunda grande, seios extravagantes diz muito sobre os casos de estupro e feminicídio serem ainda maiores entre as mulheres consideradas pretas. Isso se torna ainda mais perigoso quando utilizado como artifício da indústria em conseguir atrair clientes para a compra de determinado produto ou evento, como é o caso do carnaval, evento mundialmente conhecido, durante o qual o corpo da mulher negra é exibido em toda a imprensa de forma sensualizada e erotizada, quase sempre seminu.

Portanto, a reflexão entre o romance *O Conto da Aia* e a vida das mulheres brasileiras na contemporaneidade demonstra que as mulheres vivem tempos sombrios. Essa aproximação entre realidade e ficção nos inspira a resistir, assim como a personagem Offred resistiu, às mais perversas violências impostas pelo sistema patriarcal e capitalista, e é por meio da resistência, do combate a esses sistemas, da união das mulheres, do compartilhamento de informações, de “meter a colher” em briga de marido e mulher é que vamos conseguir construir um mundo mais justo, menos desigual, no qual a mulher seja vista como um ser humano pleno de direitos.

## Referências

- Atlas da violência 2018. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Rio de Janeiro, Junho de 2018. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)> Acesso em 10 de Outubro de 2019.
- ATWOOD, Margaret. *O conto da aia*. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- ÁLVARO, Maria. *Trabalho doméstico e desigualdade social*. 2012, p.110-132
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Millet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORIS, G.; CESÍDIO, M. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007. Disponível em: <[http://hp.unifor.br/pdfs\\_notitia/1850.pdf](http://hp.unifor.br/pdfs_notitia/1850.pdf)>
- BOURDIEU, Pierre, 1930-2002 *A dominação masculina*/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. [Constituição(1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 1990 Acesso em: 20 Out. 2019.
- COSTA, Renata Sobral. Possibilidade de configuração do crime de estupro nas relações conjugais. 2008. Monografia (Graduação em Direito). Faculdade de direito de Presidente Prudente, São Paulo, 2008.
- DEARO, Guilherme. 13 anúncios acusados de promover a violência contra a mulher. *Exame*, São Paulo, 30, mai, 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/marketing/13-anuncios-acusados-de-promover-a-violencia-contra-a-mulher/>> Acesso em: 20 Out. 2019.
- DO BRASIL, Cristina. Analfabetismo no Brasil cai entre 2016 e 2018 de 7,2% para 6,8%. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-06/analfabetismo-no-brasil-cai-entre-2016-e-2018-de-72-para-68>> Acesso em 22 de Outubro de 2019.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 10º Edição. São Paulo: *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, p.1-137, 2016. Disponível em: <[http://www.forumseguranca.org.br/storage/10\\_anuario\\_site\\_18-11-2016-retificado.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf)> Acesso em 24 de Outubro de 2019.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 11<sup>o</sup> Edição. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, p. 01-107, 2017. Disponível em: [http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/01/ANUARIO\\_11\\_2017.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/01/ANUARIO_11_2017.pdf) . Acesso em Outubro de 2019.

LIGUORI, Maíra. Mulher vítima de violência enfrenta medo e vergonha para denunciar agressor. **G1**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/mulher-vitima-de-violencia-enfrenta-medo-e-vergonha-para-denunciar-agressor.ghtml> > acesso em Outubro de 2019.

LOURENÇO, A. C.; ARTEMENKO, N.; BRAGAGLIA, A. P. A “objetificação”

feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. Disponível em < <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf>.> Acesso em: 20 de outubro de 2019.

OLIVEIRA, Patrícia ; VIEGAS, Selma; SANTOS, Walquíria; SILVEIRA, Edilene; ELIAS, Sandra. Mulheres vítimas de violência doméstica: Uma abordagem fenomenológica, 2015, p. 196-203.

PANORAMA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO BRASIL: Indicadores nacionais e estaduais. 2<sup>a</sup> Edição. Brasília, 2018. Disponível em: < <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf> >

PERNAMBUCO. O ano da aia, 2017. Pernambuco, nº 142, 2017.

**RELÓGIOS DA VIOLÊNCIA**. Instituto Maria da Penha. Disponível em: <http://www.relogiosdaviolencia.com.br/> acesso em Outubro de 2019.

RIBEIRO, Aline. Brasil registrou recorde de casos de estupro em 2018, segundo estudo. O Globo, São Paulo, 10, ago, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-registrou-recorde-de-casos-de-estupro-em-2018-segundo-estudo-23938290> > Acesso em: 20 Out. 2019.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Júlia; GRAGNANI, Juliana; #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **BBC**, São Paulo, 30, set, 2018. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> > Acesso em: 21 out.2019

SCHRAIBER, Lilia; D'Oliveira, Ana Flávia; França-Junior, Ivan; Diniz, Simone; Portella, Ana Paula; Ludermir, Ana Bernarda; Valença, Otávio; Couto, Márcia. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. [S.l.]. 2007

SENADO FEDERAL. Relatório de pesquisa - Violência doméstica contra a mulher. Brasília, 2005. Disponível em: <[https://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia\\_Domestica\\_contra\\_a\\_Mulher-2005.pdf](https://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher-2005.pdf)> Acesso em 16 de Outubro de 2019

SEVERIANO, M. F. V. **Narcisismo e publicidade: uma análise dos ideais do consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001.

SILVA, M. Segundo pesquisa datafolha, um em cada 3 brasileiros culpa mulher por estupro. **Farol de Notícias**, 21, set, 2019. Disponível em: < <https://faroldenoticias.com.br/datafolha-um-em-cada-3-brasileiros-culpa-mulher-por-estupro/> > Acesso em: 21 de Out. 2019.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER: Pesquisa DataSenado. 7<sup>a</sup> Edição. Brasília. 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>> Acesso em 15 de Outubro de 2019.

VISÍVEL E INVISÍVEL: A vitimização de mulheres no Brasil. 2<sup>a</sup> Ed. 2019. Disponível em: <<http://www.iff.fiocruz.br/pdf/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf> > Acesso em 12 de Outubro de 2019.

WENTZEL, Marina. O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>> Acesso em 20 de Outubro de 2019

ZUKOSKI, A. P.; TARDIVO, A. E. “**Bendito seja o fruto**” / “**que o senhor possa abrir**”: distopia, religiosidade e repressão em o conto da aia (1985), de margaret atwood. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, v. 7, n. 1, p. 267-284, 2018.